

---

Editorial

## A Catástrofe da Pandemia da COVID-19 e seus Impactos na Saúde Mental

**Maria Stella Alcântara Gil<sup>\*,1</sup>**

Orcid.org/0000-0003-4375-3232

**Joaquim Carlos Rossini<sup>2</sup>**

Orcid.org/0000-0001-6703-7770

**José Aparecido Da Silva<sup>3</sup>**

Orcid.org/0000-0002-1852-369X

---

<sup>1</sup>*Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brasil*

<sup>3</sup>*Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, RJ, Brasil*

Hoje, transcorridos quase três anos, todos sabem que um agregado de casos atípicos de pneumonia foi registrado na cidade de Wuhan, Província de Hubei, na China, em 31 de dezembro de 2019. Posteriormente, constatando-se que a doença era causada por um novo tipo de coronavírus, o SARS-CoV-2, identificou-se ser este o mesmo agente causador da síndrome respiratória aguda severa em uma nova linhagem, cuja composição genética era 79% similar à composição genética do SARS-CoV-2003. Nesta nova linhagem, o vírus passava a ocasionar a doença oficialmente denominada como COVID-19. Em 30 de janeiro de 2020, a COVID-19 foi declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como um Problema Internacional de Emergência de Saúde Pública, dado que ela se disseminou para 20 países dentro de apenas um mês. Em 11 de março de 2020, pelo fato de a COVID-19 ter apresentado um aumento de mais de 13 vezes no número de casos fora da China, já afetando

114 nações, e com 118.000 casos registrados, a OMS retificou a informação anterior, declarando o surto da COVID-19 como uma pandemia global.

A partir de então, o Painel de Controle da COVID-19 passou a registrar, diariamente, que países dos quatro quadrantes do planeta, especialmente das nações da América do Sul, foram aqueles que sofreram os piores impactos provocados pela pandemia, os quais se agravaram, em muito, nos países de renda mais baixa, com indicadores de crescentes desigualdades, entre elas, a falta de preparo para o enfrentamento da doença, sistemas de saúde frágeis e limitadas condições de sobrevivência, quadro este que resultou num aumento exponencial no número de casos de COVID-19 em países como Equador, Brasil e Peru, entre outros. Atualmente, ocasião em que escrevemos este breve prefácio, o Brasil alcança quase 35 milhões de casos confirmados e 686 mil óbitos acumulados. Particularmente,

---

\* Correspondência: Universidade Federal de São Carlos, Rod. Washington Luiz, s/n - Monjolinho, 13565-905, São Carlos, SP, Brasil.

em alguns estados brasileiros, no ápice da pandemia, um grande número de hospitais teve seus recursos limitados especialmente onde unidades de cuidados intensivos foram necessárias. Em outros estados, onde as condições de vida eram mais pobres, a exacerbação das infecções da COVID-19 também se fez presente.

Com isso, a Pandemia da COVID-19 já se concretiza como um dos mais adversos impactos em diferentes dimensões e aspectos da vida humana, destacando-se seu impacto na saúde mental e bem-estar, afetando todos os setores da população. No caso da saúde mental, um aspecto muito importante, emergente e de dimensão primária no Brasil, país identificado como nação extremamente desigual em todos os seus indicadores sociais, econômicos, de saúde e escolares, pontua que a carência nos cuidados de atenção primária em saúde mental, no país, tem reforçado a diminuição dos indicadores de qualidade de vida, bem como, aumentado os indicadores de morbidade e de mortalidade.

Evidências mostrando um aumento nos sintomas de depressão, ansiedade e estresse na população, variando desde eventos estressantes como medo de infecção, interrupção nas atividades diárias ou medo de impacto econômico adverso têm sido constantes. Neste contexto, um dado frequentemente relatado, a saber, a associação entre a quarentena e o distanciamento social e a elevada probabilidade de problemas de saúde mental, tais como raiva e estresse, é reforçado pelo aumento no risco ou de comportamentos não saudáveis, como abuso de substâncias (por exemplo, um aumento no consumo de álcool e outras drogas), aumento em procura por jogos online, inabilidade para lidar com as restrições na atividade religiosa e ideação suicida, os quais configuram o Brasil como uma nação despreparada para a crescente e demandante sobrecarga de saúde mental provocada pela Pandemia da COVID-19, dado suas limitadas condições e recursos para as intervenções em Saúde Mental.

Neste cenário, um mosaico de problemas de saúde mental e aspectos emocionais têm sido registrados como provocado pela Pandemia da COVID-19 (ela é dual), incluindo seus aspectos

fisiopatológicos, bem como, as restrições, a maioria delas comportamentais, impostas para mitigar a propagação do vírus nesse gigante desigual chamado Brasil. Medo de infecção, medo da morte, distanciamento social, quarentena, má-informação, particularmente as fakenews disseminadas pela mídia social e os desastres econômicos e sociais, o fechamento prolongado das escolas de ensino médio e fundamental e o de muitas universidades, entre muitos outros, têm produzido o mosaico dolorido e sombrio de estresse psicológico e emocional.

Neste quadro, os três maiores eventos de saúde mental que têm grassado e afetado a população brasileira, além da população global, durante a Pandemia da COVID-19 são a depressão, a ansiedade e o estresse, especialmente entre os jovens adultos. Há também inquéritos revelando que seis em cada dez jovens na faixa de 15 a 29 anos revelaram ter sentido ansiedade nos últimos 12 meses em razão da pandemia da COVID-19. Medo de infecção e medo de ficar doente devido à COVID-19 tem sido persistente nas mentes das pessoas de quaisquer nacionalidades, em adição ao fluxo contínuo de notícias e informações relacionadas à COVID-19 por meio da mídia social, escrita e televisiva, com hipóteses supondo que o medo da infecção foi altamente associado com ansiedade e estresse e, em menor extensão, com depressão. Além do mais, depressão, ansiedade e estresse também têm sido associados com comportamentos de saúde negativos, tais como, fumar, abuso de substâncias, inatividade física e ideação suicida.

Assim considerando, o objetivo principal deste número especial foi agregar alguns estudos realizados no Brasil que procuraram investigar e/ou analisar variáveis que, em alguma extensão, afetaram as respostas afetivas, cognitivas, emocionais e comportamentais dos brasileiros ao longo da Pandemia da COVID-19 que já nos grassa por quase três anos. Vamos a eles.

Numa brilhante revisão sobre os aspectos cognitivos e neurológicos provocados pela Pandemia da COVID-19, Marcelo Neubauer de Paula analisa, em seu artigo, o conjunto de sinais e sintomas que persistem ou aparecem após

a resolução da fase aguda da infecção. Em conformidade com sua análise, a COVID-19 pode ser dividida em fase aguda (até 3 semanas), pós-aguda (3 a 12 semanas) ou crônica (> 12 semanas); mas, a prevalência de sintomas é variável, podendo chegar a mais de 80% dos pacientes. Suas conclusões revelam que diversos sintomas não se correlacionam com a gravidade da fase aguda e outros se correlacionam de maneira negativa.

Iracema Abranches e colaboradores, numa revisão integrativa acerca da Pandemia da COVID-19 e Ageísmo, mostraram que a pandemia provocada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) alterou, a partir de 2019, a vida humana de forma contínua e significativa, sendo este fenômeno objeto de mensurações e estudos variados ao longo dos anos que fomos grassados pela pandemia. Considerando especialmente a natureza da metodologia, Iracema e equipe fizeram uma revisão integrativa de literatura sobre o preconceito em relação à idade, ageísmo, na pandemia da COVID-19, realizada entre julho de 2020 e novembro de 2021. Suas análises indicam que, em geral, houve uma tendência para o crescimento do ageísmo na pandemia, destacando o efeito nocivo social e individual que este fenômeno acarreta. Ademais, os estudos experimentais apontam restrições metodológicas e situacionais, devido às dificuldades de pesquisa impostas pelo próprio período pandêmico, mas salientam a importância de estudos mais robustos e contínuos sobre o tema.

Gabrielle Figueiredo Bruno e equipe realizaram um interessante e original estudo no qual avançaram o entendimento acerca dos processos de vulnerabilidade de pessoas em situação de rua durante a pandemia de COVID-19 na cidade de Manaus, Amazonas, a partir das três dimensões, a saber, individual, social e programática. Trata-se de um estudo qualitativo realizado por meio de entrevistas com dez pessoas em situação de rua acolhidas pelo Centro Pop, em Manaus. Os resultados apontaram problemáticas pré-existentes ao contexto pandêmico nas três dimensões, e que se agravaram nesse cenário. As vulnerabilidades presentes no cotidiano dessas pessoas

também interagiram de forma dinâmica, imbricada, de modo que um elemento influenciou, ou agonizou, outro, em mais de uma dimensão, simultaneamente. Ademais, observaram-se dificuldades de aquisição de alimentos, baixa acessibilidade de informação sobre a doença, limitações em praticar as medidas preventivas, bem como, experiências de descaso, preconceito e violência sofridas diariamente, às quais o uso abusivo de substâncias está associado. Ainda, as ações de cuidado oferecidas pela gestão pública para limitar a disseminação do vírus entre essa população se mostraram escassas, principalmente no que se refere à saúde mental.

Mariana Rezende de Oliveira e Francisco dos Santos Cardoso, este do outro lado do Atlântico, refletindo sobre o impacto na aderência à vacina sobre a mitigação da pandemia da Covid-19 em função dos gêneros, investigaram a percepção à doença e hesitação vacinal na pandemia da Covid-19 no Brasil, comparando os gêneros. Destacaram que a cobertura vacinal no Brasil vem apresentando quedas significativas nos últimos 5 anos, evidenciando o problema da hesitação à vacina. Um dos fatores que contribuem com o processo de tomada de decisão para a vacinação sendo a capacidade de perceber a gravidade de uma doença e a própria vulnerabilidade a ela. Mariana e Francisco tentaram caracterizar a relação entre os fatores que permeiam as percepções e atitudes em relação à vacina da COVID-19 entre gêneros. Para tanto, foram utilizadas escalas psicométricas que mensuravam e avaliavam os fatores intrínsecos da hesitação à vacina. Seus resultados demonstraram um nível médio de hesitação à vacina e uma magnitude de efeito médio. Ademais, foi encontrado um alto nível de percepção à vulnerabilidade à doença e diferenças significativas do nível de percepção entre as amostras femininas e masculinas.

Luís Antônio Monteiro liderou brilhantemente um grupo de pesquisadores espalhados por vários estados brasileiros, visando, como no estudo anterior, investigar a hesitação à vacina da Covid-19 para crianças no Brasil. O trabalho procurou responder a seguinte questão: o que os pais e os responsáveis pensam acerca da vaci-

nação de crianças? Para respondê-la, analisaram a vacinação das crianças, percebendo riscos ou benefícios que esta pode gerar diante das diversas reações surgidas, bem como, os diferentes questionamentos quanto a utilização, ou não, da vacina. A pesquisa contou com 293 participantes, de ambos os sexos (M=36,5% e F=63,5%), com idade média de 38 anos, distribuídos em 17 estados brasileiros. Após análise estatística, a equipe constatou que o gênero e a diminuição da percepção dos riscos são as variáveis que possuem efeito de diferenciação na hesitação e predisposição para vacinação das crianças. A equipe também foi hábil em mostrar que residir com filhos menores e a escolaridade não apresentaram influências significativas para a vacinação infantil contra o COVID-19.

Quais são Potencialidades e Desafios do Atendimento Psicológico Online ao longo da Pandemia da Covid-19 na Perspectiva dos Profissionais? Para responder a esta importante questão, Marck de Souza Torres e colaboradores empreenderam um estudo em que investigaram as potencialidades e desafios dos profissionais de psicologia durante a pandemia da COVID-19. Para alcançar este propósito, foi realizado um grupo focal com sete psicólogos e professores do curso de Psicologia de uma Universidade Federal da região norte do país. Os relatos foram analisados por meio da análise temática, categorizados em (a) atendimento online como novo campo de possibilidades e ampliação dos horizontes, (b) aprendizado do atendimento online por meio do uso das Tecnologias de Comunicação e Informação (TICs) e (c) encaminhamentos após o atendimento online e seus desafios. Os resultados demonstraram que os profissionais se adaptaram à nova realidade e exigência de distanciamento social para a prestação de serviços em saúde mental para a população, perceberam a necessidade do ensino dessa modalidade aos estudantes, para que haja melhor formação teórica, técnica e ética, bem como, corroboram os estudos anteriores de que a Tecnologia da Informação e Comunicação (TICs) são ferramentas de mediação a serem utilizadas entre o psicólogo e a pessoa atendida na promoção da saúde.

Milene Zanoni e equipe deram prioridade e destaque ao sofrimento mental que tem sido, e preconizado ser com mais intensidade futuramente, uma dimensão comum no cenário da saúde mental, e já por nós denominada, em variados eventos científicos, de “Década da Saúde Mental”, na qual, acreditamos, estaremos todos atentos aos variados problemas mentais causados pela Pandemia da Covid-19, que já nos grassa por quase três anos. Zanoni e colaboradores apresentam um belo estudo acerca da Promoção da Saúde Mental no Contexto da Pandemia de COVID-19: O Acolhimento do Sofrimento por Meio da Terapia Comunitária Integrativa. Os autores justificam que o sofrimento mental é uma das maiores consequências da pandemia de COVID-19 em termos de magnitude. Pessoas nos diversos espaços sociais e renda foram acometidas pela infecção ou pelos impactos psicossociais da pandemia em diferentes níveis. Eles problematizaram o sofrimento mental enquanto problema coletivo gerado, ou agravado, pela pandemia de COVID-19, o qual, devido à sua dimensão e magnitude, exige respostas integradas e amplas de saúde pública. De cunho teórico ensaístico, foram analisados aspectos que devem ser considerados no panorama dos transtornos mentais e do sofrimento mental na pandemia. O foco argumentativo residiu principalmente nos determinantes sociais da saúde e da saúde mental na pandemia, considerando-se os recursos comunitários que podem ser acionados para o acolhimento. Além disso, os autores foram hábeis também em considerarem as medidas de primeiros cuidados psicológicos em cenários de emergências coletivas em saúde. Na sequência, a Terapia Comunitária Integrativa (TCI) foi apresentada como uma estratégia de saúde mental com tecnologia leve pautada nos recursos comunitários e inserida em uma perspectiva ampliada de saúde integrada às outras dimensões da vida.

Solange Vergueiro de Paula e colaboradores, por sua vez, apresentaram como altos níveis de ansiedade na pandemia podem encobrir efeitos do ensino remoto emergencial. Primeiramente, eles notaram que, desde 2020, em função da pandemia da COVID-19, muitas estratégias

de ensino foram implementadas. Não obstante, afirmam os autores, ainda há uma incerteza dos possíveis impactos dessas estratégias em características de saúde mental, especialmente nos aspectos de ansiedade. Assim considerando, Solange e equipe buscaram identificar o relacionamento entre três tipos de ensino (híbrido, apenas online e presencial que migrou para online) em características de saúde mental com o inventário de ansiedade de Beck (BAI), bem como pelo inventário de Burnout de Maslach (MBI), com adequação dos itens para levantamento de dados de níveis de exaustão e comprometimento físico. Uma amostra foi formada por 563 estudantes universitários, sendo 33,6% homens, 65,9% mulheres e 0,5% outros, jovens (18 e 26 anos), de instituições públicas (12,3%) e privadas (87,4%). Os resultados indicam que a ansiedade desses participantes se mostrou mais elevada que o esperado ( $M = 19,61$ ,  $DP = 13,96$ ), bastante superior à esperada pela tabela normativa (10 ou inferior). Em adição, ficou claro não haver uma diferença significativa nessas características de saúde mental em função do tipo de ensino, sugerindo que os altos níveis de ansiedade podem estar encobrendo o efeito do tipo de ensino. Finalmente, os autores refletiram acerca das relações dos dados obtidos com os diferentes níveis de ansiedade decorrentes da COVID-19.

Juliana Campos e colegas, num estudo bem delineado, buscaram identificar a experiência com a COVID-19 e os sintomas relacionados à saúde mental em adultos brasileiros no período de novembro a dezembro de 2021. Para isso, realizaram um estudo transversal com coleta de dados online e amostragem não-probabilística. Foi utilizado um questionário exploratório e a Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse. A prevalência de pessoas que testaram positivo ou que nunca apresentaram diagnóstico de COVID-19 segundo características demográficas e sintomas relacionados à saúde mental foram estimadas por intervalo de confiança de 95%. A prevalência da sintomatologia também foi estimada entre os participantes que testaram positivos (assintomáticos, sintomáticos, sem ou com

hospitalização). Sentimentos e percepção frente ao contexto pandêmico foram analisados utilizando a Classificação Hierárquica Descendente. Participaram 4.665 pessoas, 18,3% relataram ter testado positivo para COVID-19 (11,2% assintomáticos, 83,7% sintomáticos sem hospitalização e 5,1% hospitalizados). Participantes sintomáticos relataram com maior frequência que a pandemia é um trauma, enquanto os assintomáticos apresentaram prevalência significativamente menor do que aqueles que nunca testaram positivo para COVID-19. Também, observou-se alta prevalência de ansiedade, angústia, medo e insônia na amostra. A prevalência de sintomas depressivos foi menor nos assintomáticos do que entre os que nunca testaram positivos para COVID-19. De um modo geral, os escores médios de depressão, ansiedade e estresse dos assintomáticos foram menores do que aqueles obtidos nos demais grupos. Os autores concluíram que os sintomas relacionados à saúde mental foram altamente prevalentes na população adulta, verificando-se que, aqueles que testaram positivo para COVID-19, e que foram assintomáticos, apresentaram menor prevalência do que aqueles que nunca testaram positivo para COVID-19.

Os possíveis efeitos das medidas de distanciamento social, especialmente seus aspectos socioeconômicos e psicológicos, foram analisados por Ana Capistrano e seus colaboradores. O objetivo deste estudo foi explorar os impactos destas em condições de saúde mental e econômicas. Os dados foram coletados em 516 brasileiros, com idade média de 37,5 anos. Para medir sintomas depressivos foi utilizada a escala *Center for Epidemiologic Studies – Depression* (CES-D) e para ansiedade, a escala *Generalized Anxiety Disorder* (GAD-7). Em relação à depressão e ansiedade, as mulheres apresentaram resultados superiores. Jovens apresentaram resultados mais altos de ansiedade e, finalmente, 53% dos entrevistados indicaram prejuízo financeiro médio de R\$1.049. Tomados juntos, os dados levaram a equipe a concluir que a pandemia do novo coronavírus, e seus variados efeitos, afetou e continua afetando substancialmente as condições de

saúde mental e econômica de grande parte da população brasileira.

Por sua vez, a equipe liderada por Maria Angela Feitosa brilhantemente analisou os impactos da Pandemia da COVID-19 sobre a Sensação e a Percepção. Para isso a equipe resumiu os principais achados sobre os efeitos da pandemia da COVID-19 nos processos sensoriais e perceptuais. Inicialmente os autores apresentam como o SARS-CoV-2 se comporta e quais os danos que ocasiona no sistema nervoso. A partir disso, focam as alterações clínicas, prejuízos psicossociais, intervenções e inovações tecnológicas relacionadas aos sentidos químicos, à audição, à visão e à percepção da passagem do tempo. Em resumo, uma ampla e séria análise da literatura dos últimos três anos, quando a pandemia se alastrou globalmente, é por esta equipe apresentada. A relevância das informações e as discussões que os autores destacaram não estão unicamente circunscritas ao SARS-CoV-2 e a COVID-19, mas também são úteis para vírus não-corona e disfunções sensoriais pós-infecciosas de etiologia diversa e, além disso, foram discutidas algumas das alterações clínicas e subclínicas ocasionadas, direta ou indiretamente, pela pandemia de COVID-19. Finalmente, os autores concluem que, no entanto, ainda não se sabe, ao certo, sobre os efeitos e a duração de sintomas residuais e de longo prazo. De especial relevância para psicólogos e outros profissionais da saúde, eles chamam a atenção para o fato de, no que tange às consequências da pandemia na esfera interpessoal, e para todas as modalidades analisadas, ser necessário observar o impacto negativo de natureza sócio afetiva que está rela-

cionada a alteração na viabilidade e na qualidade da interação com o meio físico e social.

Finalmente, nós, editores deste número especial, dedicado à análise dos impactos da Pandemia da Covid-19 na população brasileira, estamos especialmente agradecidos à Diretoria da Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP), que nos permitiu trabalhar com liberdade, fornecendo-nos apoio contínuo ao longo de todo o processo de produção deste dossiê. Agradecemos, também, aos pesquisadores de diferentes rincões do Brasil que imediata e gentilmente atenderam ao nosso convite para compartilharem com a edição do número especial. Certamente, não podemos deixar de ser gratos aos revisores que, mesmo considerando suas sobrecargas de trabalhos pós-pandêmicas, empenharam-se árdua e rapidamente no processo de revisão dos variados trabalhos submetidos. Por adição, foi com muita satisfação termos podido contar com a importantíssima colaboração de Angeli Marasá, secretária da revista *Cadernos de Psicologia*, que acompanhou, próxima e intensamente, o processo de editoração do dossiê desde a sua concepção até o lançamento virtual final. Angeli não só tornou tangível nossa ideia, como, também, em muito a aperfeiçoou e conferiu relevância.

Esperamos, assim, que os trabalhos agregados neste número especial, dedicado a Pandemia da Covid-19 e suas implicações para a saúde mental, possam ser úteis para alunos de graduação, pós-graduação e professores interessados numa visão mais compreensiva dessa catástrofe dual que continua nos afetando por quase três anos, deles extraíndo o uso inteligente do conhecimento científico disponibilizado.

